

# LINGUASAGEM

## ARQUIVO, DISCURSO E CIDADE MÉDIA: A NARRATIVIDADE URBANA E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE SENTIDOS SOBRE ARAGUAÍNA - TO

João de Deus LEITE<sup>1</sup>  
Felipe Gonçalves CARNEIRO<sup>2</sup>

É impossível dizer  
em quantas velocidades diferentes  
se move uma cidade  
a cada instante  
[...] ou mesmo uma casa  
onde a velocidade da cozinha  
não é igual à da sala (aparentemente imóvel  
nos seus jarros e bibelôs de porcelana)  
nem à do quintal  
escancarado às ventanias da época  
(GULLAR, 1980, p.82).

### Resumo

Filiados à Análise de Discurso pecheutiana e orlandiana, objetivamos analisar e problematizar o jogo entre o verbal e o imagético em funcionamento na revista institucional “Araguaína – cidade em transformação”; revista formulada e posta em circulação, em 2018, pela gestão municipal da época para a comemoração dos 60 anos da cidade. Na condição de arquivo institucional, o nosso investimento teórico-analítico nessa revista é mostrar a textualização do político da linguagem (em suas formas materiais no verbal e no imagético), produzindo a espessura semântica da cidade de Araguaína. O trabalho de análise está centrado em dois recortes discursivos, por meio dos quais pensamos na composição da narratividade urbana e na institucionalização de sentidos sobre a referida cidade. As análises mostram o funcionamento institucional do arquivo em construir a Araguaína como uma cidade atrativa, no cenário local e regional.

**Palavras-chave:** Metaforização; Organização; Ordem; Cidade; Memória.

### Resumen

Afiliados al Análisis de Discurso pecheutiano y orlandiano, buscamos analizar y problematizar el juego entre lo verbal y la imagen en funcionamiento en la revista institucional “Araguaína – ciudad en transformación”; revista formulada y puesta en circulación, en 2018, por la administración municipal en el periodo para celebrar los 60 años de la ciudad. En la condición

<sup>1</sup>Doutor em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Araguaína. *E-mail:* [joaodedeus@mail.uft.edu.br](mailto:joaodedeus@mail.uft.edu.br).

<sup>2</sup>Mestre em Ensino de Língua e Literatura, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), *Campus* Araguaína. *E-mail:* [felipe.carneiro@ifto.edu.br](mailto:felipe.carneiro@ifto.edu.br).

de arquivo institucional, nuestra inversión teórico-analítica en esa revista es mostrar la textualización de lo político del lenguaje (en sus formas materiales en lo verbal y en la imagen), lo que produce el espesor semántico de la ciudad de Araguaína. El trabajo de análisis se centra en dos recortes discursivos, por medio de los cuales pensamos en la composición de la narratividad urbana y en la institucionalización de sentidos sobre la referida ciudad. Los análisis muestran el funcionamiento institucional del archivo en construir Araguaína como una ciudad atractiva, en el escenario local y regional. **Palabras clave:** Metaforización; Organización; Orden; Ciudad; Memoria.

## Introdução

Neste artigo, voltamos o nosso olhar teórico-analítico para a revista institucional “Araguaína – cidade em transformação”, editada e publicada pela gestão municipal da referida cidade em 2018. Trata-se de uma revista com o selo “Araguaína 60 anos”, com edição única. Essa revista apresenta notícias institucionais sobre Araguaína no que se refere ao campo da habitação, da saúde, da educação, da gestão pública, da assistência social, da infraestrutura, da mobilidade urbana, do lazer, do turismo e da segurança. As notícias, estruturadas com parágrafos curtos, aparecem vinculadas a registros fotográficos dos espaços ali retratados, a infográficos, apresentando os contatos com a ouvidoria da prefeitura, e a imagens produzidas por *software*, que apresenta a projeção de espaços.

Dado o referido selo, estamos inclinados a pensar que se trata de uma revista comemorativa sobre o aniversário da cidade, que põe em circulação discursividades sobre Araguaína, com um tom discursivo de “balanço”; parece-nos que se busca promover uma divulgação sobre a situação da cidade em seus 60 anos de existência. O próprio título da revista já deixa entrever esse tom discursivo de uma suposta qualidade no deslocamento do que era Araguaína para o que Araguaína é hoje. Inscritos na Análise de Discurso pecheutiana e orlandiana, essa revista é concebida como arquivo institucional, que integra parte das formulações construídas sobre Araguaína na condição de uma *cidade atrativa* no espaço regional em que se insere.

Estamos interessados, mais de perto, no modo como os saberes historicizados sobre Araguaína vão funcionando nas formulações das notícias presentes na revista, produzindo uma narratividade exitosa sobre a cidade; uma narratividade da cidade que está em transformação. Neste ponto, não perdemos de vista a relação entre o verbal e o não verbal, que atravessa e constitui a materialidade da revista, e a tomamos como objeto simbólico. Em termos discursivos, como ainda mostraremos neste artigo, essa relação será pensada a partir do binômio unidade-dispersão de sentidos. Se, por um

lado, há o efeito de encaixe (“unidade”) entre o verbal da notícia e o não verbal, o registro fotográfico, por exemplo, que aí aparece vinculado; por outro, há aí o desencaixe (“dispersão”) entre eles. O gesto de formulação da revista em si está inscrito no funcionamento imaginário de que essa relação entre o verbal da notícia e o não verbal constitui um efeito de unidade, produzindo o efeito de contenção da dispersão.

Entendemos que a cidade de Araguaína é (re)significada a partir da revista institucional “Araguaína – cidade em transformação”, pois, dado o modo como esse objeto simbólico está formulado, ele apresenta fatos institucionais que atestariam as transformações pelas quais Araguaína passa e ainda vai passar. A narratividade exitosa sobre a cidade segue operando efeitos de transparência entre o verbal e o não verbal aí em articulação. Como dissemos, estabelece-se, ilusoriamente, o efeito de unidade e de encaixe entre as materialidades verbais e as materialidades imagéticas que conformam a revista institucional. Formula-se, discursivamente, uma outra espacialidade sobre Araguaína, jogando com as expressões “Estado do Tocantins” e “Região Norte do Brasil”.

Estamos interessados, sobretudo, no modo como o termo “Araguaína” está em uma relação semântica com essas expressões, dado o funcionamento discursivo dessa narratividade. Do ponto de vista semântico, podemos salientar que Araguaína é um hipônimo de “Estado do Tocantins” e “Região Norte do Brasil”. Isso porque o primeiro termo é uma especificação dessas expressões. Por consequência semântica, é possível destacar que as referidas expressões são hiperônimos de Araguaína. Há aí uma discursividade sobre escala geográfica, que se (im)põe em termos territoriais. Há uma hierarquização geográfica em termos territoriais, sociodemográficos e em relação à circulação de bens e de serviços, constituindo as espacialidades desses recortes espaciais (Araguaína, Estado do Tocantins e Região Norte do Brasil). Contudo, na esteira da discursividade de Araguaína como cidade atrativa, a relação entre esse hipônimo e os hiperônimos ganha outra dimensão. Conforme veremos neste artigo, essa revista institucional, no jogo discursivo entre o verbal e o não verbal, figura como objeto simbólico que materializa sentidos sobre essa discursividade.

Integrando o funcionamento dessa discursividade, chama-nos a atenção a formulação “A capital econômica do Tocantins”, que, nessa revista, aparece com uma *hashtag* acima de imagens de ícones de redes sociais (*Facebook, Twitter, Youtube* e

*Instagram*). Ela apareceu, também, no próprio *slogan* da identidade visual<sup>3</sup> da prefeitura referente à gestão de 2017 a 2020. Essa formulação faz trabalhar, simbolicamente, o ideal de protagonismo econômico de Araguaína no cenário local e regional. Constrói-se a representação de que a cidade concentra as melhores condições para as atividades econômicas locais e regionais. Ao institucionalizarem essa formulação, tanto na revista em questão quanto no *slogan* da gestão 2017 a 2020, toma-se partido pela discursividade econômica. Se fizermos referência cruzada com discursividades oficiais sobre indicadores econômicos, como o Produto Interno Bruto dos municípios, vamos perceber que, no Estado do Tocantins, Araguaína, em 2018, assumiu o 2º lugar, com o PIB de 4,3 milhões. De acordo com o *site* do IBGE Cidades, o primeiro lugar foi ocupado por Palmas, que é a capital administrativa do Estado, com 9,4 bilhões nesse mesmo ano. Em termos de região Norte do Brasil, Araguaína ocupou 15ª posição, e Palmas esteve no sétimo lugar, tendo como referência esse mesmo ano base.

Araguaína, como cidade atrativa, notadamente com projeção competitiva para os investidores financeiros, no espaço local e regional, tem atestado o interesse dos gestores pela questão urbana. Daí o fato de os fenômenos urbanos (construção e revitalização de espaços, por exemplo), envolvendo diferentes escalas, agentes e processos, serem foco de algumas gestões da prefeitura da cidade. E não podemos nos esquecer de que se trata de fenômenos urbanos de uma cidade média da Amazônia legal. Na esteira de Becker (2013), podemos pensar no lugar que as cidades ocuparam e ocupam no vetor de desenvolvimento regional na Amazônia legal. Essa discursividade teórica aponta, também, para o poder simbólico das cidades nesse processo de desenvolvimento regional. Do ponto de vista discursivo, o nosso olhar recai sobre o modo como os espaços públicos de Araguaína vêm sendo gestados por seus administradores. Sobretudo, o modo como se constroem e/ou revitalizam-se os espaços urbanos da cidade, estando inscritos aí também uma produção discursiva. Essa produção passa a circular com a mesma força político-simbólica da organização empírica da cidade. Organizam-se os espaços públicos da cidade e sob eles formulam-se discursividades.

Neste ponto, estamos trabalhando com a diferença entre ordem e organização da cidade como postulado por Orlandi (2004; 2011), não perdendo de vista que a forma

---

<sup>3</sup> Entre os anos de 2013 a 2016, a gestão municipal de Araguaína adotou o seguinte *slogan* para compor a identidade visual da prefeitura: “Nossa cidade, compromisso de todos”. Já entre os anos de 2017 a 2020 o *slogan* passou a ser: “Capital Econômica do Tocantins”. O atual *slogan* da gestão de 2021 a 2024 é: “Cidade que não para”.

material da cidade põe em pé de igualdade a forma material do sujeito. É na e pela cidade que os sujeitos se significam e são significados. Nessa medida, mobilizamos, também, a noção de narratividade urbana (ORLANDI, 2004), de modo que há formulações “desorganizando o imaginário urbano e entregando(se) (a)o real da cidade” (ORLANDI, 2004, p. 30). Nesse sentido, embora haja a instância de unidade que constrói o imaginário de organização urbana da cidade, entendemos que a narratividade urbana está para a instância da dispersão, na medida em que ela, “enquanto fala que desorganiza, é um modo discursivo de se trabalhar a *espessura semântica da cidade*, atravessar o urbano saturado e flagrar o real da cidade se significando [...]” (ORLANDI, 2004, p. 36, grifo nosso).

Conforme abordaremos com mais detalhes, na seção teórica deste artigo, a dimensão da ordem implica o modo como as discursividades sobre a cidade são construídas a partir da práxis do (des)encontro no e do espaço. Intervêm, nessa construção, condições sócio-históricas e ideológicas, produzindo as formas materiais de existência da cidade e dos sujeitos. A dimensão da organização refere-se ao modo como os espaços empíricos e/ou abstratos da cidade são planejados e (re)construídos, tendo por base os preceitos, por exemplo, da organização da infraestrutura da cidade. Entram em jogo aí saberes técnicos de áreas específicas para a própria gestão e construção das cidades.

À luz dessas duas categorias (“ordem” e “organização”), e tendo em vista a noção de “narratividade urbana”, vamos analisar e problematizar a referida revista institucional, a partir do jogo discursivo entre o verbal e o não verbal, buscando pensar a construção discursiva de Araguaína, em que há uma sobreposição do urbano que a considera como cidade atrativa no espaço local e regional que ela ocupa. Uma vista d’olhos nos *slogans* construídos para a cidade desde 2013 permite-nos mostrar a construção política-simbólica em torno da organização dos espaços públicos de Araguaína, de modo a fomentar, como consequência, também, a organização dos espaços privados.

Chama-nos a atenção o movimento de institucionalização de sentidos sobre a cidade a partir do arquivo institucional “Araguaína – cidade em transformação”. Sob a perspectiva discursiva, podemos nos perguntar quais contradições se (im)põem aí, quando Araguaína é assim (re)significada? Por contradição, no caso específico em foco, concebemos os processos de unidade-dispersão entre a cidade em sua dimensão da ordem e da organização. A contradição se inscreve na justa medida em que essas

discursividades da organização do urbano passam a sobrepor, em suas condições materiais de existência, a ordem da cidade.

Na condição de cidade média, Araguaína é projetada, discursivamente, como cidade com protagonismo regional. Esse protagonismo se marca, por exemplo, pelos bens e pelos serviços que circulam em e a partir de Araguaína. Vinculada a esse protagonismo, a discursividade da urbanização segue operando efeitos sob a perspectiva de que é preciso organizar os espaços urbanos de Araguaína. É, neste ponto, que os processos materiais da organização podem apagar os processos materiais da ordem. Urbaniza-se para se construir uma matriz discursiva de Araguaína, como cidade atrativa de pessoas e de investimentos. Urbaniza-se para se globalizar os espaços, construindo oportunidades e sistemas competitivos.

De 2013 até os dias atuais, é possível destacar que essa matriz discursiva da atração de pessoas e de investimentos se acentuou em termos da institucionalização de sentidos pelas gestões municipais. Leite, Filho e Pires (2021) mostraram que essa matriz discursiva já esteve em operação em revistas institucionais da prefeitura em 2000. Por mais que, neste artigo, mobilizamos uma revista institucional, a análise é representativa do funcionamento discursivo de materialidades simbólicas que constroem a representação de Araguaína como cidade atrativa.

Dessa forma, filiados ao campo epistemológico da Análise de Discurso (AD), interessa-nos questionar as evidências dos sentidos que são construídos por meio do arquivo institucional da cidade de Araguaína. Assim, tendo em vista a deflagração da discursividade de cidade atrativa, objetivamos analisar e problematizar o modo como a referida localidade é (re)significada na revista institucional “Araguaína – cidade em transformação”, a partir do jogo discursivo entre o verbal das notícias e o não verbal das fotografias que aí circulam, projetando uma organização imaginária da cidade.

Assentados na perspectiva discursiva, entendemos que a cidade produz sentidos. Há as formas materiais da e na cidade, de modo que ela tem “seu corpo significativo” (ORLANDI, 2004, p. 31). Sendo assim, dadas as materialidades em circulação na revista institucional, na conjunção do verbal com o não verbal, entendemos que aí se estabelece o efeito de contenção da dispersão. É produzido, ilusoriamente, o efeito de unidade e de encaixe entre a formulação das notícias (verbal) e das fotografias (não verbal), em que há relações de força e de sentido que implicam a suposta organização empírica e imaginária da cidade. Dito isso, interessa-nos entrever em que medida se dá a sobreposição do urbano sobre a cidade em termos de ordem e de organização, a partir

dos espaços da cidade que são discursivizados pela revista institucional. Na esteira de Orlandi (2004; 2011), dado o efeito de sobredeterminação do urbano, compreendemos que se verticalizam os espaços horizontais empíricos da cidade.

E mais, no tocante aos registros fotográficos em circulação no âmbito do espaço discursivo do objeto simbólico “Araguaína – cidade em transformação”, alçamos as fotografias à condição de narratividade urbana, de modo que as consideramos, neste artigo, como “falas desorganizadas” (ORLANDI, 2004, p. 63). As fotografias figuram como materialidades significativas da cidade, e elas se encontram sob os efeitos (im)postos pelo verbal das notícias da revista. Nessa medida, entendemos que há um jogo discursivo em que sentidos institucionalizados operam efeitos sobre o modo como o não verbal é (deve ser) significado na revista institucional.

Além da ordem e da organização que se (im)põem e engendram o silenciamento de sentidos outros, entendemos que no funcionamento discursivo da e na cidade há algo que insiste e que perturba o efeito de unidade. Não perdermos de vista que há um saber discursivo em termos de memória que são (re)atualizados. Dessa maneira, na emergência da significação, dado o funcionamento e a equivocidade da materialidade simbólica, temos que “organização e desorganização se acompanham” (ORLANDI, 2004, p. 63). Noutras palavras, entendemos que há sentidos outros que são possíveis; trata-se daqueles que estão para além dos sentidos institucionalizados a partir das formulações do arquivo em tela. Esses outros sentidos, materialmente em funcionamento, deixam entrever a *espessura semântica da cidade*. Consideremos, a seguir, a nossa fundamentação teórico-metodológica que ancora a presente proposta de investigação.

### **Cidade, discurso e arquivo: a memória institucional em funcionamento**

Nesta seção, o nosso interesse está circunscrito ao modo como a cidade é concebida no âmbito da Análise de Discurso orlandiana. Na condição discursiva, a cidade é tematizada por Orlandi (2004; 2011) em seu caráter material, destacando que o político e o simbólico da linguagem produzem aí processos de significação. Esse caráter material põe em perspectiva o fato de que a cidade não existe por si só; há sujeitos, constituídos sócio-históricos e ideologicamente, construindo interpretação a partir de práticas sociais que os concernem. Por essa razão, Orlandi (2011) propõe que há a *forma da cidade* e há, num movimento de interdependência, a *forma-sujeito*.

Pêcheux (2014[1975]) esclarece-nos que a *forma-sujeito* se refere à tomada de posição do sujeito frente à ideologia que o interpela, compreendido como o efeito da exterioridade que constitui o sujeito. Não perdermos de vista a questão de que o sujeito do discurso, além de ser constituído na e pela historicidade, é, igualmente, um sujeito desejante, clivado pelo não saber. E cabe pontuar que ambos os mecanismos que constituem os sujeitos e os sentidos estão materialmente ligados (PÊCHEUX, 2014[1975]). Consideramos importante pontuar a noção de sujeito discursivo, tão cara para a AD, uma vez que o nosso enfoque é pensar a cidade a partir do discurso, em que o sujeito encontra-se na cidade, de modo que é no e pelo espaço urbano da cidade que ele (se) significa. Apresentamos, a seguir, uma das elaborações de Orlandi (2004, p. 28) sobre o modo como se concebe a cidade a partir do prisma discursivo:

Em uma sociedade como a nossa, o sujeito urbano é o corpo em que o “capital” está investido. Num espaço (habitado) de memória, de subjetividades, a história se formula na noção de “eu” urbano. Esse sujeito, por sua vez, como está produzindo sentidos na cidade – textualizando sua relação com objetos simbólicos nesse mundo particular do urbano – vai produzir uma realidade que é estruturada de tal maneira que nos vai dar, enquanto analistas, uma imagem de texto, do acontecimento urbano, que é história e que se apresenta em seus vestígios. Este é nosso material de observação. Nosso contato com os sentidos da cidade. Na relação com esses espaços moventes, inter-identitários onde jogam incompletude e indistinção (ORLANDI, 2004, p. 28).

Com intuito de dimensionar e de compreender a noção de real da cidade, postulada por Orlandi (2004; 2011), consideramos importante assinalar que a categoria lacaniana de real se torna nuclear na terceira fase do horizonte epistêmico da AD, instaurada em 1983. De acordo com Pêcheux (2015[1983], p. 29), *há real* de modo que lidamos com esse fato a todo instante, porquanto, nas palavras do autor, “a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra” (PÊCHEUX, 2015[1983], p. 29). Esse fundamento resvala na premissa de que os espaços discursivos, e neste artigo referimo-nos aos diversos matizes possíveis de produção de sentidos na e pela cidade, são ilusoriamente constituídos como espaços *logicamente estabilizados*. Com o alicerce dessa perspectiva discursiva, entendemos que esse suposto efeito lógico-transparente da cidade é marcado pelo equívoco e pela incompletude.

A cidade é significada pelos sujeitos, e os sujeitos são significados pela cidade, pois o espaço, materialmente construído, acaba por dar enquadre, localização, espacialidade para as práticas sociais. Assim, a dimensão espacial é fundante e



constitutiva da sociedade. Mas, além disso, a sociedade constrói o espaço sob condições de produção específicas, não perdendo de vista as diferentes escalas e lugares geográficos formulados. Orlandi (2011) analisa a cidade sob a perspectiva de duas categorias, conforme destacado neste artigo: “ordem” e “organização”. A primeira serve de base para se pensar no que ela concebe como o real da cidade. A segunda dimensiona o viés de que, diante desse real, formulam-se movimentos de se normalizar os espaços da cidade. Na sequência, mobilizamos um excerto de Orlandi (2004, p. 35) em que a autora tematiza acerca dessas duas categorias que mencionamos. Vejamos:

Temos proposto, em nossa reflexão, uma relação entre *ordem*, que é de domínio do simbólico na relação com o real da história (a sistematicidade sujeita a equívoco) articulação necessária e contraditória entre estrutura e acontecimento, enquanto a *organização* refere ao empírico e ao imaginário (o arranjo de unidades). Nossa finalidade é assim ultrapassar a *organização* do discurso urbano para atingir a compreensão da *ordem* do discurso urbano, isto é, procurar entender como o simbólico confrontando-se com o político configura sentidos para/na cidade e não ficar apenas na organização do discurso urbano que nos relega ao imaginário, às ilusões (eficazes) da urbanidade (ORLANDI, 2004, p. 35, grifo da autora).

Considerando a tônica da passagem anterior, a ordem da cidade demanda um outro olhar para os sujeitos nessa relação com o espaço. Longe de uma perspectiva ontológica e epistemológica, a cidade passa pelo movimento inextricável entre realidade e virtualidade. Esse movimento instaura a contínua transformação entre uma e outra, em processos históricos de constituição. Há aí o real da cidade, como testemunho radical de o porquê o espaço ser uma “produção”. E, nessa produção e por meio dessa produção, a dimensão humana se dá a perceber: em caráter comum e particular ao mesmo tempo.

A organização urbana, também para usarmos os termos postulados por Orlandi (2004; 2011), assume a feição das práticas de organização dos espaços da cidade. Essa organização faz trabalhar a perspectiva de que os espaços precisam ser normalizados, dotados de infraestrutura, tendo em vista os saberes técnicos envolvidos na organização, no planejamento e na gestão dos espaços. Há aí efeitos do imaginário, produzindo relações empíricas e/ou abstratas a partir desses saberes. Não podemos perder de vista, neste ponto, que essa organização está ancorada pelo sistema produtivo capitalista, na lógica de gerir e de projetar valores para os espaços, tendo por base a sua organização.

A referida autora tematiza a distinção entre a cidade e o urbano, chamando a atenção para o fato de que há processos de significação que apagam essa diferença. Em seus termos, há uma “sobreposição” entre esses termos, como produção ideológica da

linguagem, em que a discursividade da organização ganha prevalência. Vejamos, a seguir, as próprias palavras de Orlandi (2011, p. 695):

Tenho afirmado em meus trabalhos que a cidade tem sido confundida, ou melhor, que há uma sobreposição do urbano sobre a cidade. Isso quer dizer que a cidade é significada pelo urbano. Este, por sua vez, não representa a cidade em seu real, mas é justamente o imaginário pelo qual a cidade é tomada ou como espaço empírico, já preenchido, ou como um espaço abstrato, calculável, administrado por especialistas da gestão pública: com seus planos, projetos, políticas públicas etc. Nesse sentido, enquanto declinada pelo urbano, a cidade é já significada a priori, em nosso caso, pelos padrões capitalistas. Indo mais além, podemos mesmo dizer que o urbano se sobrepõe à cidade e esta é identificada com o social, isto é, as relações são hoje, muito frequentemente, consideradas como o mesmo que relações urbanas (ORLANDI, 2011, p. 695).

Com ancoragem nas considerações de Orlandi (2011), entendemos que o efeito de sobreposição do urbano sobre a cidade traz implicações no modo como a cidade é concebida, ou seja, significada pelos sujeitos. A nosso ver, compreendemos que há a produção de um efeito de transparência e de evidência da cidade na medida em que essa sobredeterminação do urbano sobre o empírico cidadão “silencia o real da cidade (e o social que o acompanha)” (ORLANDI, 2004, p. 34). Dessa forma, não podemos deixar de mencionar que a contradição de sentidos se inscreve e é constitutiva do corpo simbólico da cidade. Assim, assentados em Pêcheux (2014[1975]) e em Orlandi (2004; 2011), tendo em vista o efeito da sobredeterminação do urbano a partir do qual o sujeito se inscreve, em que ele (se) significa (n)a cidade, temos que *o caráter material do sentido* das formas materiais da cidade se dá com a inscrição do sujeito-urbano-discursivo no complexo das formações ideológicas.

Na perspectiva discursiva orlandiana, tendo em consideração as categorias de ordem e de organização, que nos permite compreender a cidade a partir do discurso, observamos que a sobreposição do urbano, no âmbito da ordem, produz como efeito a “*verticalização* das relações horizontais na cidade, que, de um espaço material contíguo, se transforma em espaço social hierarquizado (vertical)” (ORLANDI, 2004, p. 35, grifo da autora). Neste ponto, filiados aos postulados de Orlandi (2004; 2011), questionamos: em que medida se dá a verticalização do empírico horizontal e imaginário da organização da cidade de Araguaína, em que ela passa a ser significada a partir do *discurso (do) urbano* que se presentifica na revista institucional, tendo em vista as materialidades verbais e não verbais que aí circulam?

As formulações presentes na revista institucional conformam materialidades que metaforizam a organização empírica da cidade, dissimulando um efeito de unidade. No entanto, o dispositivo teórico-analítico da AD possibilita-nos questionar as evidências dos sentidos que discursivizam Araguaína como cidade atrativa, por meio das formulações que constituem o objeto simbólico “Araguaína – cidade em transformação”. Assim, no batimento entre descrição e interpretação, dado o jogo discursivo entre o verbal e o não verbal, buscamos compreender como a cidade de Araguaína é significada.

Por conseguinte, tendo em vista o funcionamento da linguagem na produção do *discurso (do) urbano*, compreendemos que, ao jogar com a propriedade opaca das formas materiais da cidade a partir dos gestos de interpretação do analista de discurso, é possível trabalhar com a constituição político-simbólica da materialidade de maneira a entrever o modo como os espaços urbanos araguainenses conformam sentidos sob o efeito da verticalização, em que se hierarquiza a horizontalidade cidadina. Convém-nos pontuar que os sentidos e os sujeitos são moventes. Dessa forma, dado o processo de verticalização, Orlandi (2004, p. 35) tematiza que a “cidade passa a ser ‘urbanizada’ num movimento em que as diferenças, verticalizadas, se significam pela remissão categórica a níveis de dominação e impede a convivência, o trânsito horizontal [...]”. Nesse sentido, perguntamo-nos: em atenção à categoria de ordem e de organização, em que medida se dá o real da cidade de Araguaína, que não se inscreve e que se presentifica pela ausência?

A partir do postulado de Pêcheux (2015[1983], p. 53), a saber: “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, nosso enfoque se assenta no binômio unidade-dispersão de sentidos. Cumpre considerar que projetamos a formulação “enunciado” às formas materiais de linguagem que conformam e significam a cidade e os sujeitos. O espaço horizontal urbano é significado pelo sujeito-urbano-discursivo em que temos a sobreposição do urbano sobre a cidade. Ao tratarmos do discurso urbano, na emergência de o sujeito (se) significar (n)a cidade, tomamos o discurso como estrutura e como acontecimento (PÊCHEUX, 2015[1983]), de modo que no processo de produção de sentidos há memória sendo (re)atualizada. A respeito da análise do discurso urbano, Orlandi (2004, p. 26) afirma-nos que:

este discurso tem uma memória, desenvolve-se em um espaço próprio, que se constitui por relações entre seres que se significam e significam

as relações que sustentam a própria existência deste espaço como um espaço vivido/dividido com seus gestos de significação. Trabalhar este espaço, pensando-o simbólica e politicamente, [...] nossa contribuição específica estará em tratar de apreender o jogo da interpretação e seus efeitos nesse espaço em que o que é urbano e o que é social se sobrepõem. Interessa-nos desse modo compreender outras formas de significação já em processo na história urbana e movimentos sociais que não são perceptíveis por categorias fechadas das ciências sociais mas detectáveis por um estudo que tem como objeto o discurso, sentidos em processo, sujeitos em vias de deslocamento, no movimento da (sua) história (ORLANDI, 2004, p. 26).

Conforme dissemos na seção introdutória deste artigo, concebemos a revista como arquivo institucional. Dessa forma, ponderamos que as formulações verbais e não verbais que circulam no espaço discursivo da revista (re)produzem sentidos sobre o urbano de Araguaína. Trata-se de sentidos institucionalizados de modo que se (im)põem efeitos imaginários acerca da cidade. A nossos ver, entendemos há uma memória de arquivo que é institucionalizada e impositora que está para o âmbito da organização urbana de Araguaína. Interessa-nos, portanto, entrever de que modo se dá a (re)produção dessa memória institucional em termos de organização empírica e imaginária da cidade, na medida em que ela é tomada na condição de cidade atrativa.

Nas palavras de Orlandi (2017, p. 25), “a memória institucionalizada que é aquela justamente que fica disponível, arquivada em nossas instituições e da qual não esquecemos”. Nessa medida, entendemos que, no espaço discursivo da revista institucional, engendra-se um suposto efeito de contenção da dispersão (unidade) por meio das formulações que aí se imbricam de maneira a (re)produzir a completude de sentidos que versam sobre Araguaína. Entretanto, embora haja a (re)produção de sentidos institucionalizados no e pelo arquivo, mobilizamos as considerações de Leite e Carneiro (2021) concernentes ao funcionamento opaco do arquivo religioso, de modo a permitir-nos lançar luz ao arquivo institucional “Araguaína – cidade em transformação”. Os referidos autores, ancorados na esteira discursiva da AD a partir das noções de discurso, de arquivo e de memória, afirmam que são “infindáveis as possibilidades de se ler e de interpretar os documentos de arquivo [...], pois, de fato, são sentidos que se movem, atualizam-se, (re)estruturam-se e (re)organizam-se na irrupção do discurso” (LEITE; CARNEIRO, 2021, p. 179). Em atenção à propriedade opaca do arquivo, Guilhaumou e Maldidier (2016[1986]) esclarecem que:

Nossa abordagem atual considera a complexidade do fato arquivístico. O arquivo jamais é dado; à primeira vista, seu regime de funcionamento é opaco. Todo arquivo, sobretudo manuscrito, é

identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de um selo de uma instituição etc., ou ainda pelo lugar que ele ocupa em uma série. Para nós, essa identificação, essencialmente institucional é insuficiente: ela não diz tudo sobre o funcionamento do arquivo, aliás, longe disso. [...] Isso porque o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional; ele é, em suas próprias materialidade e diversidade, organizado por seu campo social. O arquivo não é um simples documento do qual são retirados os referentes; ele permite uma leitura que revela dispositivos, configurações significantes (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2016[1986], p. 116).

À luz dessas considerações, a despeito de a revista institucional cristalizar e fazer circular sentidos que tomam Araguaína como cidade atrativa, o nosso entendimento se assenta no fato de que há sentidos outros que são silenciados pelo discurso urbano institucionalizado. Assim sendo, compreendemos que a espessura semântica da cidade de Araguaína permite diferentes possibilidades de historicização de sentidos que estão além dos efeitos (im)postos pelo verbal das notícias da revista institucional. Na esteira de Orlandi (2004, p. 66), buscando dar sustentação ao que fora dito, é possível salientar que “esse aprisionamento da materialidade significativa da cidade pelo discurso (do) urbano que a imobiliza no enquadramento que a afasta de outros (novos) sentidos, destitui também o social de sua significância mais própria”. Não podemos deixar de mencionar que a dispersão é constitutiva dos processos discursivos, e o seu controle está para a ordem da ilusão necessária, de modo que os sentidos e os sujeitos não são completos. Nesse sentido, jogar com a equivocidade da materialidade significativa da cidade é “aceitar o não-sentido, a desordem, os sentidos outros” (ORLANDI, 2004, p. 66).

Inscritos nessas formulações de Orlandi (2004; 2011), e já buscando construir derivações para o arquivo institucional em foco, “Araguaína – cidade em transformação”, podemos salientar que essa prevalência discursiva, no caso da cidade de Araguaína/Tocantins, sustenta a construção dessa cidade como atrativa, conforme tem sido a nossa tônica neste artigo. O tipo de arquivo em evidência expõe o funcionamento da ideologia, em suas formas materiais da linguagem (verbal e não verbal), produzindo o efeito de organização dos espaços da cidade. E, se estes estão normalizados, calculados e planejados, há aí condições de Araguaína ser atrativa e competitiva no espaço local e regional. É possível conceber, na esteira de Orlandi (2004; 2011), a sobreposição entre o urbano e a cidade funcionando nesse caso em questão.

O jogo entre o real da cidade, pensando aí a categoria da “ordem”, e a organização urbana parece se acentuar se nos filiarmos à discursividade que engendra uma classificação para as cidades: “cidade pequena”, “cidade média” e “cidade grande”. Araguaína, o que pressupõe a perspectiva de que ela teria um protagonismo em termos populacionais e de circulação de bens e de serviços, precisaria ser atrativa em diferentes escalas. Alicerçados nas considerações de Orlandi (2004; 2011), compreendemos que a cidade é tomada pelo funcionamento imaginário do urbano e que esse imaginário ancora a produção ideológica da intervenção do Estado na normalização dos espaços urbanos, por exemplo. Está, na base dessa produção ideológica, o funcionamento da memória institucional (arquivo), tendo em vista o modo como Orlandi (2010) concebe esse tipo de memória.

Ao propor uma distinção entre memória discursiva ou interdiscurso, memória institucional (arquivo) e memória metálica (técnica), Orlandi (2010) postula, como um dos critérios de distintividade, a perspectiva do modo como os saberes são constituídos, formulados e circulados. Os processos de textualização dos saberes, em sua estrutura e em seu funcionamento, determinam a especificação da memória. Consideremos, a seguir, os apontamentos tecidos por Orlandi (2010, p. 9) sobre a memória institucional (arquivo):

Por outro lado, a memória institucional ou a que chamo a memória de arquivo ou simplesmente o arquivo, é aquela que não esquece, ou seja, a que as Instituições (Escola, Museu, políticas públicas, rituais, eventos etc.) praticam, alimentam, normatizando o processo de significação, sustentando-o em uma textualidade documental, contribuindo na individualização dos sujeitos pelo Estado, através dos discursos disponíveis, à mão, e que mantêm os sujeitos em certa circularidade (ORLANDI, 2010, p. 9).

Dando sequência à nossa incursão teórica pelo campo discursivo, vamos mobilizar a noção de narratividade urbana, proposta por Orlandi (2004), de modo a seguir com as nossas reflexões acerca da materialidade significativa da cidade. Entendemos que apreender a cidade sob a perspectiva teórica do entremeio é ter em vista o binômio unidade-dispersão de sentidos. Nessa medida, é preciso considerar o binômio organização-desorganização. Se, por um lado, entendemos que há a sobreposição do discurso urbano que resvala na categoria da organização da cidade, dando-lhe contornos imaginários e totalizantes; por outro lado, há formulações da e na cidade que a perturbam e a desorganizam.

Conforme vimos circunstanciando a respeito do discurso urbano, observamos que há materialidades verbais e não verbais em circulação na revista institucional que significam Araguaína como cidade atrativa. Entendemos que o acobertamento ideológico do urbano dissimula o suposto tamponamento dos sentidos sobre a cidade. Trata-se, ilusoriamente, de produzir um efeito de contenção da dispersão, de maneira que as formulações verbais das notícias de “Araguaína – cidade em transformação” referem-se “à (manutenção da) organização urbana” (Orlandi, 2004, p. 64). Entretanto, há o real da cidade que desorganiza o efeito de unidade construído pela revista institucional, ou seja, pelo discurso urbano que aí é (im)posto.

De modo a refletir acerca da (des)organização da cidade, mobilizamos as considerações de Orlandi (2004) a respeito das *falas desorganizadas*, pois, segundo a autora, elas “significam lugares onde sentidos faltam, incidência de novos processos de significação que perturbam ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização do social” (ORLANDI, 2004, p. 63). Neste artigo, consideramos as materialidades não verbais (fotografias) da revista institucional na condição de materialidade significativa da cidade, e elas se encontram sob os efeitos (im)postos por meio da formulação das notícias. Assim sendo, assentamo-nos no fato de que a partir de “um olhar organizado e organizador (do urbano) que é totalitário. A materialidade da cidade des-organiza esse lugar totalizador e [...] nos disponibiliza para outra apreensão de sentidos” (ORLANDI, 2004, p. 29). Tratar de “falas desorganizadas” é ter em vista que elas conformam a materialização de “narratividades urbanas”, ou seja, figuram a materialidade significativa da cidade. Segundo Orlandi (2004, p. 31), “a narrativa urbana tem vários pontos de materialização. Moventes. Fulgurações. Materialidade dispersas. E é nas suas relações que podemos compreender esses seus sentidos”.

Em atenção à revista institucional que objetivamos analisar e problematizar, em que temos em circulação os registros fotográficos de Araguaína, alçamos as fotografias à condição de “narratividade urbana”, ou seja, elas conformam “falas desorganizadas”. E, conforme já dissemos, tais materialidades não verbais se encontram sob os efeitos (im)postos pelo verbal das notícias. Assim sendo, considerando-as como materialidade significativa da cidade, podemos compreender a assertiva de Orlandi (2004, p. 66) que tematiza que “os seus sentidos são domesticados por um gesto de interpretação urban(izad)o”. Ainda a respeito da noção de “narratividade urbana”, Orlandi (2004, p. 30) esclarece-nos que:

[...] os sujeitos urbanos encontram formulações, modos de se dizer, que desorganizam o espaço burocrático (do) urbano. Atravessam esses processos que os prendem e, livrando-se deles, metaforizam. Essas formulações aparecem em *fulgurações*, iluminações em que a narratividade urbana se estampa. Cenas de que o sujeito participa, sem distância. Não relata de fora. Se narra como parte da cena. Por isso o nome: narratividade urbana. E aqui não estamos respeitando a tipologia tradicional na distinção narração, descrição, dissertação. A narratividade é tomada aqui como palavras *da* cidade, parte da cena. Estaremos à procura desses lugares, desses momentos que precisam de sentidos, e que são significados seja pela arte, seja pela desorganização do discurso ordinário (falas desorganizadas) ou até mesmo pela violência (ORLANDI, 2004, grifo da autora).

Concebemos o não verbal da revista institucional em tela, as fotografias, como *palavras da cidade*, conforme dissemos, materialidade significativa de Araguaína. Não perdemos de vista a movência dos sujeitos e dos sentidos nos processos de significação da e na cidade. Entendemos que, dado o funcionamento opaco da linguagem, há possíveis sentidos que perpassam pela materialidade do não verbal que (im)rompem (d)o efeito de contenção da dispersão que se estabelece no espaço discursivo da revista institucional. A partir desse jogo discursivo, compreendemos que se engendra uma (des)organização de Araguaína.

Assim, tendo em vista o jogo discursivo de nosso interesse, cumpre considerar que o verbal das notícias e a materialidade não verbal configuram sistemas semióticos de significação distintos. E cada uma significa com a inscrição de ambas as materialidades de linguagem na historicidade. Conforme pontuamos na seção introdutória deste artigo, compreendemos que não há relação de equivalência nem de encaixe perfeitos do verbal como o não verbal. Portanto, produz-se uma hiância de ordem constitutiva, ou seja, um desencaixe constitutivo no jogo do verbal com o não verbal. Nessa perspectiva, unidade e dispersão de imbricam, de modo que a (des)organização é constitutiva do processo de significação de Araguaína na revista institucional.

Consideremos, a seguir, o nosso trabalho de análise sobre o arquivo institucional enfocado por nós neste artigo.

### **Narratividade urbana e memória institucional: a (des)organização de Araguaína**

Nesta seção, apresentamos as nossas considerações analíticas que dizem respeito aos gestos de interpretação que realizamos, considerando a revista institucional



“Araguaína – cidade em transformação”. Com o esteio do dispositivo teórico-analítico da AD, efetuamos dois recortes discursivos no objeto simbólico em tela para constituir uma representação do discurso urbano sobre a cidade de Araguaína, em que ela passa a ser (re)significada. Esses dois recortes discursivos que apresentaremos, a seguir, conformam o nosso *corpus* de análise. Valemo-nos do ensejo para esclarecer o percurso metodológico que palmilhamos, e, neste ponto, referimo-nos à constituição do *corpus* de análise e ao dispositivo analítico, que não se ocupa da exaustão dos dados. Na realidade, buscamos compreender o funcionamento discursivo das materialidades de linguagem que se imbricam no âmbito do arquivo institucional. Por conseguinte, enfocamos o acontecimento de linguagem no processo de metaforização da cidade de Araguaína, de forma que ela é discursivizada como cidade atrativa, tendo em vista o discurso urbano em circulação.

Com base na perspectiva teórico-metodológica de nossa filiação, entendemos que cada recorte discursivo configura uma unidade discursiva. A partir desse entendimento, notamos que as materialidades de linguagem que aí se encontram justapostas constituem, ilusoriamente, conforme já mencionamos, um efeito lógico-transparente. Noutras palavras, a esteira discursiva permite-nos tematizar que a instância da dispersão de sentidos se apresenta, portanto, supostamente, contida por meio das formulações em jogo na construção da organização urbana da cidade de Araguaína. Vale ressaltar que, dado o modo como apreendemos o alusivo arquivo institucional, encontramos formulações que (re)produzem e institucionalizam sentidos que versam sobre o protagonismo de Araguaína no âmbito local e regional. Assim sendo, organiza-se Araguaína por meio da propriedade político-simbólica da linguagem. A nosso ver, entendemos que se opera um controle de ordem discursiva, na medida em que se pretende arregimentar a movência de sentidos ao se institucionalizar determinadas formulações.

Na sequência, de posse do material de análise, observamos que a metaforização da transformação da cidade abarca diversas áreas (saúde, educação, lazer, segurança, etc.), uma vez que a revista não se limita apenas ao empreendimento de discursivizar a construção e/ou a revitalização dos espaços públicos municipais. Esse gesto de leitura que mencionamos foi possível após perscrutar as 36 páginas que conformam a estrutura da revista institucional, editada e colocada em circulação no ano de 2018. Ademais, convém assinalar que o referido ano de publicação está no âmbito do segundo mandato do ex-prefeito Ronaldo Dimas, quem esteve à frente da gestão municipal entre os anos

de 2013 a 2020, sendo reeleito em 2016. Entretanto, tendo em vista o nosso interesse no discurso urbano e o modo como a cidade é significada a partir dele, já temos alguns aspectos que nos ajudam a delimitar e a circunstanciar os critérios estabelecidos para a constituição dos recortes discursivos.

Conforme vimos tematizando, a discursivização da atratividade de Araguaína se operacionaliza por meio de materialidades verbais e não verbais na medida em que elas estabelecem um jogo discursivo. Observamos que todas as páginas da revista institucional possuem as formas linguísticas e imagéticas, e que elas estão organizadas e dispostas em uma suposta relação de unidade. Dessa maneira, em termos de projeção imaginária que estabelece a construção do efeito de unidade da revista em si, dando-lhe contornos de completude, por implicação lógica, entendemos que esse suposto efeito de encaixe (unidade) se opera, também, nas 36 páginas que a revista possui. Dito isso, abrimos a possibilidade de conceber que cada página da revista figura como uma unidade discursiva. Nesse sentido, os recortes discursivos que produziremos a partir material de análise serão apresentados, nesta seção, na condição de páginas formuladas. Com esse raciocínio, a despeito do fato de que já indicamos direcionamentos sobre alguns critérios para a operação de recorte, entendemos que cada página se tornaria uma possível porção de linguagem para análise e problematização.

Em atenção às bases materiais não linguísticas, notamos a presença de fotografias, de infográficos, de imagens de mapas da cidade e de imagens de *software* que indicam futuras projeções de projetos a serem executados ou em andamento. Na capa da revista institucional, é possível observar a presença de três formulações em plano de destaque. Elas figuram o título do objeto simbólico institucional, a *hashtag* com referência para as redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e *Instagram*) e o selo comemorativo. Os planos intradiscursivos são, respectivamente, “Araguaína – cidade em transformação”, “*hashtag* Capital Econômica do Tocantins” e “Araguaína 60 anos”.

Ao observarmos a ocorrência dessas formulações na capa da revista institucional, a nosso ver, deixam-se entrever quais seriam os possíveis saberes historicizados sobre a cidade que ali estão linearizados. Tendo em consideração o funcionamento da *hashtag*, entendemos que a formulação que a acompanha indica a circulação desses possíveis sentidos sobre Araguaína pela esfera midiática da *internet*. A perspectiva econômica é discursivizada, sendo assim, perguntamo-nos: em que medida Araguaína é significada na revista institucional como “Capital Econômica do Tocantins”?

Com relação à segunda página, deparamo-nos com formulações linguísticas que produzem um efeito hiperônimo com referência ao sintagma nominal “Araguaína”. Nessa página, conforme é possível observar, ditas materialidades verbais estiveram em circulação em outros meios de comunicação de relevância nacional, sendo que elas foram mobilizadas e inscritas na revista institucional, de modo a dar corpo ao processo de metaforização de Araguaína como cidade atrativa. Com isso, podemos dizer que, a partir dessas formulações, engendra-se um efeito de comprovação da imagem exitosa que se constrói sobre a cidade, pois outros veículos de imprensa testemunharam as ações da gestão municipal.

Consoante ao que estamos pontuando acerca da segunda página, mobilizamos algumas das formulações que produzem um efeito hiperônimo em relação ao significante “Araguaína”, quais sejam: “melhor cidade brasileira de médio porte em desenvolvimento urbano (Consultoria Austin Ratins); “cidade emergente com crescimento das classes A e B (Revista Exame)”; “4ª melhor cidade em Índice de Desenvolvimento Humano (Revista Veja)”; “Capital Estadual da Habitação”. Ademais, há menção ao destaque educacional, às obras de engenharia e de infraestrutura, à gestão pública, etc. De nossa perspectiva, compreendemos que a referida página funciona como uma espécie de índice, em que dá ao leitor mostras do conteúdo e da temática da revista institucional. Ainda sobre a página, há o selo comemorativo (“Araguaína 60 anos”) e há três fotos históricas da cidade em preto e branco e localizadas na parte superior; e uma foto atual da cidade, colorida e que se encontra abaixo das formulações verbais. Entendemos que essas formas de linguagem em imbricação, verbal e imagética, discursivizam a transformação de Araguaína. Por se tratar de uma seção com efeito de índice, há aí a metaforização da transformação da cidade por meio do material intradiscursivo “Araguaína 60 anos – Do Povoador Lontra à Capital Econômica do Tocantins”.

Neste momento, voltamo-nos à apresentação dos critérios que estabelecemos para a constituição do *corpus* analítico. Conforme apresentamos no parágrafo anterior, vimos a presença de formulações concernentes ao verbal das notícias que circularam em outros veículos de imprensa. E aventamos a hipótese de que as imagens foram mobilizadas para a produção da referida revista institucional de maneira a testemunhar a transformação de Araguaína. É nessa medida que observamos que há o empreendimento de (tentar) conter a dispersão de sentidos das imagens, uma vez que elas estão sob os efeitos (im)postos pela formulação verbal das notícias. Assim, dado o nosso interesse no

modo como a cidade é significada pelo urbano, em que enfocamos a categoria da ordem e da organização, bem como a narratividade urbana, direcionamos às fotografias cuja formulação atendem ao viés panorâmico da cidade que trata de espaços públicos urbanos.

Dessa forma, adotamos como critérios de exclusão as fotografias de espaços internos de residências, de escolas, de centros cirúrgicos, de sedes administrativas, entre outros. Ademais, enfocamos as unidades discursivas que deixam entrever a deflagração da discursividade econômica, tendo em vista que a formulação “Capital Econômica do Tocantins” se inscreve na capa do nosso material de análise. Esse fio intradiscursivo, desde já, opera efeitos que projetam o imaginário de atratividade para Araguaína. Assim sendo, com esses critérios elencados, realizamos dois recortes na revista institucional, de forma que nos delimitamos a página 1 (capa) e a página 17. Em atenção ao procedimento de análise, considerando as unidades discursivas escolhidas, realizaremos outros recortes nas materialidades (verbal e imagética), que figurarão as sequências discursivas verbais (SDV) e as sequências discursivas imagéticas (SDI).

Assim, no batimento entre descrição e interpretação, buscaremos compreender de que modo o jogo discursivo (verbal e o não verbal) engendra a (des)organização de Araguaína. Dessa forma, pretendemos dimensionar em que medida é produzido o efeito de encaixe (unidade), em que há a suposta contenção da dispersão de sentidos por meio da (re)produção de uma memória institucional. E, também, objetivamos conjecturar os possíveis pontos de deriva que desorganiza a cidade. Não perdemos de vista que a contradição se inscreve no espaço discursivo da revista institucional, e a memória discursiva segue o seu percurso evanescente. Antes de prosseguirmos com os recortes discursivos (RD), permitamo-nos o seguinte questionamento: de que modo as *palavras da cidade* (fotografias) (re)significam Araguaína? Em que medida elas conformam *falas desorganizadas*?

Vejam, a seguir, o RD 1 (Figura 1).



**Figura 1** – Revista institucional, página 1 (capa).

De posse da materialidade do primeiro RD, apresentamos as sequências discursivas para a produção dos nossos gestos de interpretação referentes ao espaço urbanizado de Araguaína. Vejamos:

SDV 1: “Araguaína – cidade em transformação”.

SDV 2: “Araguaína 60 anos”.

SDV 3: “Capital Econômica do Tocantins”.

SDV 4: “Residencial parque primavera norte”.

SDI 1: conjunto de casas populares no primeiro plano da fotografia.

SDI 2: área urbanizada ao fundo da foto.

Entendemos que, no processo de metáforização da cidade, algo que é posto no lugar na emergência da significação, de modo que o sentido consegue escoar por meio da opacidade da materialidade simbólica. Tratemos de observar em que medida a *palavra da cidade* passa a ser significada pelo verbal das notícias. Podemos observar

que as SDV 1 e SDV 3 institucionalizam sentidos acerca do potencial de Araguaína, na medida em que a primeira faz trabalhar certo efeito de que a cidade é dinâmica, ou seja, segue “em transformação”. Esse potencial, também, inscreve-se na formulação da SDV 3, dado que produz um efeito hiperônimo com relação ao termo “Araguaína”. Com base nesse efeito último que citamos, vemos operar a projeção da cidade interiorana para um patamar acima da capital administrativa do Tocantins, em termos de discursividade econômica.

Ancorados na SDV 1, formulamos o seguinte questionamento, qual seja: em que medida se dá o processo de “transformação” de Araguaína, uma vez que, por meio do plano intradiscursivo, não a concebemos como estática? No batimento entre a SDV 1 e a SDI 1, podemos conjecturar o modo como o termo “transformação” é significado. Nesse jogo discursivo, SDV 1 e SDI 1 (verbal e imagético), a cidade de Araguaína é transformada em conjunto de casas populares. Conforme comentamos no início desta seção, a metaforização da transformação da cidade abrange outras áreas, tais como a saúde e a educação. Ou seja, Araguaína se transforma em diversos matizes. Entretanto, neste recorte discursivo que conforma a capa da revista institucional, e dada a relação entre a SDV 1 e a SDI 1, podemos aventar a hipótese de que o elemento visual (SDI 1) alusivo à construção de espaços públicos na cidade é alçado à condição de transformação mais relevante. Sendo assim, uma pergunta se (im)põe: por que essa e não outra *palavra da cidade* para significar as formulações das SDV 1, SDV 2 e SDV 3?

Seguindo com os nossos gestos de interpretação, no batimento entre a SDV 3 e a SDI 1, somos instados a arvorar a seguinte pergunta: que efeitos de sentido são possíveis entre a discursividade econômica (SDV 3) e o conjunto de casas populares (SDI 1)? Ora, se os cidadãos residem na “Capital Econômica do Tocantins” (SDV 3), construímos a hipótese de que há considerável circulação de bens e de serviços, de maneira que abrimos espaços de interpretação de que em Araguaína há empresas, há empregos e há capital circulando. Esse batimento entre o verbal e o não verbal possibilita-nos produzir o efeito de que alguns cidadãos araguainenses não possuem renda suficiente para investir na casa própria, o que leva a cidade a “transformar-se” em conjuntos habitacionais para atender a essa parcela da população. Nesse sentido, observamos que a desigualdade social é discursivizada nesse movimento interpretativo. Então, o que se celebra nos 60 anos da cidade (SDV 2)?

Podemos observar as etapas de “Araguaína – cidade em transformação” (SDV 1), de maneira a construir o efeito de antes e de depois, quando realizamos o batimento entre os elementos visuais SDI 1 e SDI 2. Na sequência, permitamo-nos jogar com a SDV 2, que versa sobre os 60 anos da cidade. Dessa forma, de que modo poderíamos produzir efeitos na relação das SDI 1 e SDI 2 com o aniversário de 60 anos da cidade? Será que a cidade está sendo apresentada com essa organização urbana, materializada por meio desses elementos visuais? Em atenção ao sujeito (se) significando (n)a cidade, em que medida o espaço urbano metaforizado pela SDI 1 atende à discursivização de Araguaína como cidade atrativa? É atrativa para quem? Para o setor da construção civil? Para os cidadãos que foram beneficiados? Trata-se de projetos habitacionais para araguainenses que viviam em situações de risco, em área desapropriadas? Podemos observar que há sentidos outros silenciados que podem escoar pelo corpo significativo da cidade, desorganizando-a.

Para concluir a análise deste RD, observamos que a formulação da SDV 4 verticaliza o espaço horizontal empírico na medida em que podemos conjecturar que se trata de um bairro residencial. Contudo, ponderamos que essa verticalização se torna imprecisa a qual espaço ela se refere, se seria à SDI 1, à SDI 2 ou a ambos os elementos visuais. Passemos para o segundo RD (Figura 2).



Figura 2 – Revista institucional, página 17 (capa).

Conforme vimos mencionando, no material de análise, há a (re)produção de sentidos institucionalizados acerca do espaço urbano de Araguaína, de modo a promover um recobrimento que trata de (tentar) conter a dispersão dos possíveis efeitos de sentido que o não verbal engendraria. Vejamos, a seguir, em conformidade com o dispositivo de análise construído, as sequências discursivas alusivas à figura 2.

SDV 5: “Maior programa de asfalto do Estado”.

SDV 6: “Dos buracos por toda cidade ao maior programa de pavimentação do Estado”.

SDV 7: “Mais de 400km de asfalto”.

SDV 8: “Mais de 200km de drenagem”.

SDV 9: “Quase toda a população a população de Araguaína foi ou está sendo beneficiada com asfalto novo”.

SDI 3: o asfalto e os tratores na fotografia acima.

SDI 4: a rua de terra e o buraco na fotografia abaixo.



Observamos que, nesta unidade discursiva, o espaço urbano de Araguaína passa a ser significado a partir das duas imagens que compõem a Figura 2. O fio intradiscursivo da SDV 5 apresenta a abrangência do programa de infraestrutura asfáltica da cidade. O que nos permite relacionar com a SDV 1, que intitula a revista institucional, em que entrevemos outros efeitos de sentido do referido processo de “transformação” pela qual Araguaína percorre. Se no recorte anterior vimos a temática habitacional, neste recorte, por meio da SDV 6, a formulação “Araguaína – cidade em transformação” (SDV 1) recebe outros contornos de unidade.

No jogo entre a SDV 7 e a SDI 3, assim com a SDV 8 e a SDI 4, há a produção de um *efeito decalque*, em que se estabelece um suposto efeito de encaixe entre as materialidades recortadas. Contudo, a formulação que apresenta o quantitativo referente à quilometragem na SDV 7 e na SDV 8 não encontra correspondência no tecido das fotografias. Com ancoragem nas formulações da SDV 5 e da SDV 9, observamos, novamente, a institucionalização de sentidos referentes ao dinamismo da cidade, dando-lhe contorno de atratividade.

Não podemos deixar de mencionar que a imagem não se coloca na posição de subserviente ao linguístico. Dessa forma, o sujeito, ao ser engastado pelo elemento visual da SDI 3, e se filiar a diferentes redes de sentido, pode atualizar a memória discursiva de maneira a significar o dito espaço urbano de forma negativa, por exemplo, caso ele não tenha sido contemplado pelo programa de pavimentação (SDV 5 e SDV 6). Essa possível movência de sentidos desorganiza o efeito lógico-transparente da unidade discursiva. Ademais, na medida em que nos ancoramos no tecido discursivo das fotografias, por meio da SDI 3 e da SDI 4, aventamos a produção de narratividade urbana acerca dos problemas estruturais da cidade. Assim, observamos um certo distanciamento do efeito de unidade que discursiviza Araguaína como cidade atrativa.

### **Considerações finais**

Os fundamentos da Análise de Discurso pecheutiana e orlandiana criaram condições teórico-analíticas para abordarmos a cidade de Araguaína – Tocantins, sob uma perspectiva discursiva. Mais precisamente, como abordamos, interessou-nos olhar para a revista institucional “Araguaína – cidade em transformação”, já na condição de arquivo, buscando analisar e problematizar a narratividade urbana, legitimada na e pela memória institucional, que engendra processos discursivos sobre a (des)organização de

Araguaína. Dada a configuração material dessa revista, em conformidade com o que já fora dito, as formas da linguagem (verbal e imagético) passam a produzir certo efeito de transparência sobre essa discursividade urbana.

Como a perspectiva discursiva nos possibilita questionar as supostas evidências, trabalhamos com o fundamento da espessura semântica da cidade, compreendendo que essa discursividade faz funcionar a significação de Araguaína como cidade atrativa. E o nosso trabalho sobre o arquivo institucional aponta: para a forma-sujeito (isto é, os sujeitos que são ali representados), sendo enquadrada na forma da cidade (ou seja, o imagético ali em funcionamento já significando a forma-sujeito). A metaforização de Araguaína, como cidade em transformação, acaba por gerar modos de subjetivação sobre essa forma-sujeito.

Chama-nos a atenção o fato de o tom discursivo para a circulação das ações da prefeitura, em comemoração aos 60 anos de Araguaína, seja a perspectiva da transformação. E, nesse caso, os sujeitos urbanos ali em representação são metaforizados por esse tom discursivo, já que eles residem na cidade “mais” atrativa do espaço local e regional onde está inserida. Faz-se pensar que essa cidade atrativa se traduz, necessariamente, em cidade cuidadora de sua população, pois a narratividade urbana ancora a institucionalização de sentidos positivados sobre Araguaína.

A movência dos sujeitos e dos sentidos produzem, discursivamente, outras espacialidades para Araguaína. A espessura semântica da cidade a coloca no trajeto discursivo de sua supervalorização local e regional. As escalas geográficas entre “Araguaína”, “Estado do Tocantins” e “Região Norte” sofrem atenuações discursivas em prol da imagem exitosa em funcionamento no arquivo institucional analisado. E, nesse tom, a paisagem de e sobre Araguaína vai sendo tecida em seu jogo entre (des)organização. Contudo, e este ponto nos interessa bastante, o real da cidade segue operando efeitos. Na esteira de Gullar (1980), para aludirmos à epígrafe deste artigo, ele segue na impossibilidade de (se) dizer. Permanece-se ali algo de irrepresentável na relação entre o verbal e o imagético, que dá o testemunho de que algo permanece de irrepresentável entre a forma-sujeito e a forma da cidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BECKER, Bertha. **A urbe amazônica: a floresta e a cidade**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. In: GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN. **Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso**. Tradução: Carolina P. Fedatto, Paula Chiaretti. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2016[1986].

GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. São Paulo. Círculo do Livro, 1980.

LEITE, João de Deus; CARNEIRO, Felipe Gonçalves. Discurso, arquivo e violência na Amazônia Legal: uma análise discursiva do informativo “Voz do Norte”. **Revista Entreletras**, v. 12, n. 1, jan./abr., 2021.

LEITE, João de Deus; FILHO, Miguel Pacífico; PIRES, Maria Cilene. Araguaína/TO: cidade e discurso na Amazônia Brasileira - o caso do Espaço Cultural Agnaldo Borges Pinto. **Revista Cidades, Comunidades e Territórios**. Artigos em pré-publicação, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A casa e a rua: uma relação política e social. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 693-703, set./dez., 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA** [online], n. 16, v. 2, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI Suzy. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Editora Pontes, 3ª Edição, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas, SP: Pontes Editores, 2015[1983].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** / Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014[1975].

Submetido em: 01/07/2021.

Aprovado em: 11/09/2021.

### Como referenciar este artigo:

LEITE, João de Deus; CARNEIRO, Felipe Gonçalves. Arquivo, discurso e cidade média: a narratividade urbana e a institucionalização de sentidos sobre Araguaína – TO. **revista Linguagem**, São Carlos, v. 40, Norte em análise: discursividades, 2021, p. 201-227.